

RAZÃO E SENSIBILIDADE: OLHARES SOBRE VIVER, TRABALHAR, LUTAR NO OESTE DO PARANÁ

Davi Félix Schreiner
Sarah Iurkiv Gomes Tibes Ribeiro¹

Resumo: *No início de 2007, dentre os ingressantes no Programa de Pós Graduação Stricto Sensu/Mestrado em História, cinco se propõe a implementar Projetos de Pesquisa relacionados à Linha de Pesquisa Trabalho e Movimentos Sociais. Durante o transcorrer do ano referido faz-se possível perceber significativo amadurecimento intelectual por parte dos proponentes das investigações, expresso na definição de problemáticas fundamentadas em referenciais teóricos e metodológicos pertinentes, para o quê, evidentemente, conjuga-se o esforço individual, as indicações dos orientadores e o cursar das disciplinas. Este artigo, neste sentido, tem como escopo uma breve explanação acerca das cinco pesquisas referidas, pontuando os nexos entre os estudos em desenvolvimento e os eixos temáticos que definem a Linha.*

Palavras-chave: *Trabalho; Trabalhadores; Movimentos Sociais; Pesquisas em desenvolvimento.*

Abstract: *In the beginning of 2007, between the admitted researchers in the Postgraduation Course in History, five them intend to implement projects related with the Line of Research Work and Social Movements. During the year it was possible to perceive the intellectual progress of the researchers, evidenced through the definition of questions based appropriate theoretical references and coherent methodologies. They contribute for this growth the effort of each one, the indications of the professors who guide the works and what they had learned in the lessons. This article, thus, it has the objective to present the five research in development, clarifying the relation it enters the subjects that the studies deal with and the thematic axles of the Line.*

Key-words: *Work; Workers; Social Movements; Research in development.*

¹ Professores do Colegiado do Curso de Graduação e Pós-Graduação *Stricto Sensu* Mestrado em História, vinculados ao Laboratório Trabalho e Movimentos Sociais. Centro de Ciências Humanas Educação e Letras, Campus Universitário de Marechal Cândido Rondon, Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE. Centro de Ciências Humanas,

Apresentação

Elaborar, pela primeira vez, o Relato de Pesquisa atinente à Linha de Pesquisa Trabalho e Movimentos Sociais traz em si a sensação de levar a efeito uma tarefa de grande responsabilidade. Sensação que a princípio, inevitavelmente, provoca certa preocupação, não obstante a confiança e o respeito profissional e pessoal a distinguir o relacionamento entre os docentes membros da referida Linha e a maneira coletiva, compartilhada, por meio da qual as atividades da Linha e do Laboratório vinculado à mesma são propostas e realizadas.

Não poderia deixar de mencionar, outrossim, a rara habilidade e desprendimento, em acolher *neófitos* que marca a prática destes profissionais, proporcionando aos primeiros a certeza de que estão atuando no lugar, e do lugar, apropriado, tanto em termos temáticos, teóricos, metodológicos e, fundamentalmente, políticos. Tem-se ciência dos limites de quem está dando outros rumos à sua caminhada acadêmica, o que implica em repensar inúmeras certezas que definiram sua trajetória profissional ao se propor refletir a respeito de questões, que, se já se faziam presentes em termos de posicionamento político, passam agora a ser sistematizadas em termos de produção do conhecimento. Não obstante, acredita-se ser capaz de traduzir os nexos entre as pesquisas em desenvolvimento junto ao Programa de Mestrado por orientandos vinculados à Linha de Pesquisa Trabalho e Movimentos Sociais e a perspectiva de história que distingue a Linha.

Antes de tudo, reputa-se, há que refletir acerca do compromisso sócio-histórico do pesquisador, da postura política que este assume num contexto caracterizado pelas lutas de classes. Contexto no qual as burguesias ensinam, incessantemente e das mais diversas formas, reificar, naturalizar, a infalibilidade e a hegemonia dos valores burgueses, visando *institucionalizar* peculiaridades do sistema capitalista, com ênfase para o conformismo, ou mesmo desconhecimento, das classes trabalhadoras de sua condição enquanto tal, tanto quanto do campo de desigualdades e potenciais conflitos sociais no qual estão inseridas. Avalia-se que os intelectuais, desde os claramente orgânicos aos capitalistas até aqueles aos quais é possível designar como *falsa esquerda*, têm contribuído, através de suas *competências* profissionais e do produto do seu trabalho, para a conformação de

um aparato ideológico que confere uma suposta *racionalidade* ao capitalismo, apresentando-o como a única alternativa de formação sócio-econômica. Ao mesmo tempo, em termos regionais, corroboram memórias e histórias oficiais e excludentes.

Em contraposição, os pesquisadores vinculados à Linha de Pesquisa Trabalho e Movimentos Sociais – LTMS – pautam-se na imprescindibilidade do engajamento sócio-político do historiador, postura passível de ser traduzida na escolha de temas de investigação voltados para a diversidade de modos de viver e trabalhar de sujeitos reais, inseridos em relações concretas de elaboração e/ou resistência aos poderes instituídos. Ademais, o compromisso com as classes trabalhadoras pode se expressar na atuação efetiva, da maneira como esta vier a se traduzir, junto aos movimentos sociais, em seus mais diversos formatos.

Apresentam-se como temas de interesse desta Linha os movimentos sociais, as organizações partidárias e sindicais, as práticas cotidianas dos trabalhadores no campo e na cidade e as construções de sentidos e significados por e sobre estes sujeitos, enquanto uma prática social, na historiografia e nas memórias (BOSI et al.: 2006, 310).

Afiança-se que a conjunção de ambas as dimensões referidas denota o ofício daquele a que se apreende como historiador. Elucide-se, alguém inserido concretamente na historicidade do seu tempo, cujo labor resulte em instrumento de superação de memórias e histórias hegemônicas e excludentes ao trazer a tona sujeitos reais dos quais se oblitera a existência em virtude da habilidade das burguesias em disseminar seu sustentáculo ideológico tal qual fosse a ideologia das próprias classes trabalhadoras (DIAS, 2006). Avalia-se que o conhecimento e a viabilização do conhecimento de “outras memórias e outras histórias”² consiste em elemento significativo para os trabalhadores tanto no que remete à consciência de classe, como no que tange à percepção do sistema vigente enquanto construção histórica, sendo, portanto, suscetível à rupturas diante da ação conjugada e consciente de sujeitos históricos concretos. Neste sentido, sublinha-se o caráter prospectivo da pesquisa histórica, ou seja:

² Com o devido crédito aos membros do Projeto PROCAD. Cultura, trabalho e cidade: muitas memórias, outras histórias. Capes/2000, pela utilização livre da expressão.

(...) retirar a História do campo da erudição neutra ou da mera especulação do passado e a colocávamos no campo da política, no melhor sentido da palavra. Em outro ponto (...) buscávamos enfatizar o caráter ativo da memória na construção histórica, portanto, no estabelecimento de forças hegemônicas, explicitando que a memória histórica constitui uma das formas mais poderosas e sutis de dominação e de legitimação (FENELON et al., 2004: 6).

Diante do exposto, explicita-se a finalidade deste relato, quer seja, discorrer sobre pesquisas em desenvolvimento por mestrandos vinculados à LTMS, ingressantes no Programa em início de 2007, enunciando os nexos entre o conhecimento que se está a produzir e os pressupostos que conferem escopo à Linha. Destarte, resguardada a diversidade de temas abordados, as proposições de investigação tratam de pessoas comuns, trabalhadores, sujeitos reais envolvidos em teias de opressão e subordinação, tentando apreender como interpretam e atuam nos campos de relações nos quais estão inseridos. Assim, há que ter em vista as trajetórias dessas pessoas, ponderando que cada qual traz consigo desventuras, esperanças, perspectivas de futuro, raramente para si próprios, mais comumente para os filhos, não olvidando aqueles que nos limites da sobrevivência são despojados inclusive da capacidade de sonhar.

Neste sentido, a história oral, ao problematizar as memórias individuais, bem como analisar limites e possibilidades de constituição de memórias coletivas, a seletividade das lembranças, a composição das narrativas, dentre outras questões, tem se revelado terreno profícuo na abordagem dos modos de viver e trabalhar de sujeitos concretos.

Como processo em construção, que se permeia do vivido e do subjetivado (...), as narrativas tornam possível a percepção dos mecanismos de tomada de consciência dos sujeitos acerca dos processos experimentados e como eles forjam valores, significados e situam-se em relação ao social (VARUSSA In: FENELON et al. (orgs.), 2004: 215)

A escrita da história do tempo presente: dos modelos teóricos às narrativas dos sujeitos

A proposição de abordagens historiográficas pautadas nas memórias de múltiplos sujeitos, ponderando-se que há "*um campo social onde memórias hegemônicas e alternativas são produzidas na vida cotidiana*" (FENELON et al., 2004: 6), permite conhecer modos de viver e trabalhar de pessoas e coletividades, sublimadas, excluídas, por não corresponderem a um *modelo* de história no qual só se dá visibilidade a indivíduos e/ou grupos sociais que, de acordo com os padrões capitalistas, *deram certo*. Desta forma, trabalhar com *memórias alternativas* importa em contrapor à concepção de um grupo homogêneo que "*partilha de uma visão única de sua identidade, e uma visão idêntica de sua unidade*" (BORDIEU, 1989: 117), um panorama pleno de contradições, substituindo a idéia de uniformidade, por um palco de diversidade e conflitos sociais. Sublinhe-se que a menção a sujeitos históricos não implica na remissão a uma simples categoria teórica, sem conexão com o real, propondo-se, isto sim, o "*espaço da memória social como o da visibilidade de sujeitos reais que tem potência*" (FENELON et al., 2004: 7).

Produzir conhecimento histórico com base nas memórias implica, evidentemente, no domínio teórico e metodológico da história oral, mas, sobretudo, requer sensibilidade, paciência, humildade. O trabalho de campo ensina que saber ouvir é uma rara, todavia, imprescindível aptidão de quem se pretende historiador oral. Compreender, como aponta Portelli (1997), que memórias, tanto quanto identidades coletivas, são construções relacionais e situacionais. Em outros termos, as memórias são individuais mesmo que fundadas em um campo comum de experiências sociais. Afinal, as lembranças de cada pessoa são únicas, relacionadas com trajetórias próprias, o que não as torna menos representativas. As narrativas, outrossim, sofrem influência da interação estabelecida com o pesquisador, da imagem que eventualmente intentem projetar, da inserção específica do narrador em uma rede de relações sociais determinada, ou em outros termos, *do lugar a partir do qual ele fala* e, fator fundamental, do momento presente que está sendo vivenciado pelo entrevistado (PORTELLI, 2004). Há que ter clareza, ainda, que, não obstante, o historiador oral tome todas as providências recomendáveis para o exercício

producente do trabalho de campo, a organização da narrativa será operada pelo narrador. São basilares, portanto, para a obtenção de resultados pertinentes, sensibilidade e capacidade de discernimento por parte do pesquisador, meios que devem lhe permitir interpretar os meandros das palavras colhidas.

Dentre outras razões, a relevância da história oral procede do fato de que a produção de uma história social do trabalho relacionada ao tempo presente é relativamente recente. Assim, não havendo conhecimento formal produzido sobre parcela significativa das classes trabalhadoras, convenientemente quedavam abandonadas ao desconhecimento e, em consonância, ao esquecimento. Em contrapartida, com base nos recursos proporcionados pela história oral há a possibilidade de analisar, através das narrativas dos indivíduos, a compreensão que têm dos seus devires, autorizando, desta forma, a elaboração de um conhecimento que tenha os trabalhadores, em suas inúmeras faces, como sujeitos.

Há que enfatizar que a interpretação das narrativas pressupõe refletir sobre os fatores tributários na composição de uma memória dotada de especificidades determinadas. Neste sentido, valer-se de entrevistas propicia a superação de uma história única, fixa e recuperável, possibilitando conhecer os muitos níveis da memória individual e a pluralidade de versões possíveis sobre o passado fornecidas por interlocutores diversos. A elaboração das histórias das classes trabalhadoras, resguardada a diversidade que as distingue, denota a produção de um conhecimento não estruturado com base em concepções hegemônicas, em face de uma preeminência política, econômica ou social. Admite-se, assim, a propósito de um mesmo processo, interpretações díspares, o que não as faz menos ou mais representativas, nas quais a personagem central não há que ser o capital descarnado, mas sim seu êmulo de carne e osso, os trabalhadores.

Avalia-se, outrossim, a produção de conhecimento relativo a sujeitos reais, vivenciando e elaborando relações concretas de dominação e subordinação, enquanto fator de superação de certa tradição historiográfica forjada através da subordinação a *modelos teóricos* (supostamente) *bem acabados*. Neste sentido, Thompson (1981) concebe o processo de conhecimento do real e o real concreto como uma relação determinante na produção do conhecimento histórico. Relação esta fundamentada na "*apropriação ativa*" ou o

que é possível definir como interpretação, por parte do historiador, de *"atributos seletivos do real"*. A interpretação do real, contudo, não pode se pautar exclusivamente no *"pensamento"*, ou, em outros termos, na imaginação daquele que elabora o conhecimento sobre determinado objeto, sob pena de redução da historiografia a reles adaptação da realidade que se pretende investigar a modelos pré-concebidos.

Tal idealismo consiste não em postular ou negar o primado de um mundo material ulterior, mas um universo conceptual autogerador que impõe sua própria idealidade aos fenômenos da existência material e social, em lugar de se empenhar num diálogo contínuo com os mesmos (THOMPSON, 1981: 22)

Assevera-se, destarte, que a construção do conhecimento histórico se fundamenta numa relação dialética entre o real concreto, referenciais teóricos, procedimentos metodológicos, os dois últimos reelaborados sempre que a realidade pesquisada demandar e, por fim, a inserção, postura, do historiador diante do contexto sócio-histórico que vivencia. Em síntese, a produção historiográfica tem como substrato:

(...) as propriedades do objeto real: as propriedades da realidade determinam tanto os procedimentos adequados de pensamento (isto é, sua "adequação ou inadequação") quanto seu produto (THOMPSON, 1981: 26).

Modos de viver e trabalhar no Oeste do Paraná: pesquisas em desenvolvimento

As proposições de investigação implementadas pelos mestrandos vinculados à Linha de Pesquisa Trabalho e Movimentos Sociais, ingressantes no Programa no início de 2007, distinguem-se pela diversidade de objetos de análise. Ao mesmo tempo, importa observar, expressam coerência tanto com os eixos temáticos definidores da Linha como em referência aos pressupostos de uma história social do trabalho, a qual tem como fundamento de sua produção os diferentes modos de viver e trabalhar de sujeitos reais, trabalhadores em suas inúmeras faces, num contexto de conflito,

lutas de classes. O ponto de partida para a elaboração do conhecimento histórico é, portanto, as experiências dos trabalhadores e as formas como estes interpretam suas experiências, traduzidas em narrativas que podem assumir diferentes configurações em virtude da conotação de uma multiplicidade de fatores no momento da entrevista. Trata-se de considerar a historicidade inerente às narrativas.

Faz-se relevante salientar, outrossim, que o nexo acima referenciado se estende aos trabalhos entre si. O que longe de implicar na aplicação de qualquer *fórmula*, remete, isto sim, ao rechaço a abordagens para as quais a *emersão* do conhecimento resulta exclusivamente da imposição de elucubrações teóricas generalizantes sobre realidades particulares, desconsiderando tanto a diversidade e especificidade das experiências dos sujeitos históricos, como os procedimentos específicos da pesquisa histórica.

A especificidade da História, certamente, está em realizar uma abordagem que visualize os homens e mulheres trabalhadores que vivem suas vidas não somente em relação com a determinação do capital, mas tendo referência em valores e práticas, muitas vezes fora dos padrões sociais exigidos pelas classes dominantes. Dessa maneira, é possível transbordar os limites que cadenciam o tema do deslocamento do trabalho, bem como do aumento da informalidade, deslizando esse foco para o ponto de vista dos trabalhadores. Com isso seria possível captar, além da presença do capital e de seu arsenal de recursos contra os trabalhadores (...), o que fazem os homens e mulheres em relação às suas condições de vida e de trabalho, o que *desejam fazer* e o que *acreditam estar fazendo*, buscando entender a classe em suas múltiplas determinações e talvez compreender em que *sentido* a história é disputada (BOSI et al., 2006:317).

Pondera-se licito creditar tal consistência ao trabalho coletivo levado a efeito no corpo da Linha e do Laboratório, integrando os membros, contribuindo no amadurecimento de problemáticas, pautando questões conceituais e metodológicas, analisando documentos, socializando resultados de pesquisas. Interação esta expressa, dentre outras formas, em atividades como *Cinema e Trabalhadores*, *Oficina de Fontes*, bem como nas disciplinas atinentes à Linha.

Em virtude do desenvolvimento das pesquisas mencionadas emergem múltiplos sujeitos vivenciando experiências diversas.

Quando se pensa que tudo que havia a dizer a respeito de Itaipu e seus desdobramentos para a população da região já se disse, surge uma questão inédita a investigar. Especificamente, está a se fazer referência ao estudo que vem sendo realizado por Rodrigo Paulo de Jesus, o qual tem como mote de investigação a luta de um grupo de trabalhadores, moradores da chamada Vila C, na cidade de Foz do Iguaçu, pelo direito à moradia. Enfatize-se que a Vila C, hoje um bairro de Foz do Iguaçu, deve sua construção às necessidades impostas pela construção da Usina de Itaipu de acomodar os trabalhadores situados ao pé da hierarquia entre os setores das classes trabalhadoras responsáveis pela edificação da hidroelétrica. O perfil dos trabalhadores aos quais se destinam as habitações da Vila C está em relação direta com a estrutura e qualidade dessas edificações, uma vez que, projeta-se o desmonte das casas assim que possível dispensar esta mão-de-obra, tendo em vista não haver qualquer interesse por parte das elites locais na permanência dos moradores da Vila C em Foz do Iguaçu. Não obstante, parte significativa dos habitantes do bairro se recusa a deixar a cidade e as casas, buscando alternativas que lhes assegure o direito às moradias.

Vendedores de produtos por catálogo, particularmente, Avon e Natura, moradores da cidade de Guaira, têm suas trajetórias de vida narradas para Cíntia Fiorotti Lima, em razão da problemática de pesquisa que esta vem desenvolvendo. Em linhas gerais, sua proposição de pesquisa tem como escopo problematizar as formas através das quais esses trabalhadores interpretam suas experiências em relação à venda de produtos por catálogo, em particular e, numa perspectiva mais ampla, a venda por catálogo enquanto alternativa de sobrevivência num contexto sócio-econômico que se distingue por mudanças significativas em termos de relações de produção. Considera-se que algumas indagações que formula são significativas para a sistematização de suas conclusões, quer sejam: *Quais as realidades específicas destes trabalhadores? Como as relações de trabalho vão se constituindo? De que modo esses trabalhadores estão inseridos no processo produtivo e em que medida? O que a atual ocupação significa para a pessoa? Como os entrevistados interpretam o trabalho?*

O processo de articulação de trabalhadores rurais desapossados de suas terras, manifesto na formação do *Movimento dos Atingidos pela Barragem do Rio Iguaçu* com o intuito de recuperar

um local que, vivenciado, possa ser transformado no seu espaço, consiste na questão central a ser deslindada por Maria Emília Meira Lima. Além deste aspecto, objetiva desvendar, com base nas narrativas dos sujeitos envolvidos, as formas como estes elaboram a perda da terra, a luta pela sua recuperação e, por fim, o viver e trabalhar num outro lugar, o Reassentamento São Francisco de Assis.

Os trabalhadores temporários do Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal na cidade de Marechal Cândido Rondon são abordados por Marlene Rodrigues da Silva na pesquisa que vem levando a efeito. Pautando-se na experiência dos sujeitos, traduzida nas suas narrativas, visa apreender as maneiras próprias com que cada entrevistado interpreta o trabalho que realiza, o significado desta forma de trabalho específica para o trabalhador em questão, o aparato ideológico, educacional, a cercar esta forma de trabalho, e, a que remete, em termos de alterações no *mundo do trabalho*, a formulação de brechas na legislação com a finalidade de *regularizar* o trabalho de adolescentes.

Operários de uma fábrica de alimentos na cidade de Marechal Cândido Rondon, a Faville, são os sujeitos abordados por Enegetly Tebaldi diante do intuito de investigar as múltiplas relações estabelecidas *dentro e fora* do terreno da produção, visando compreender como os trabalhadores vivenciam e interpretam *as relações de trabalho e a organização do trabalho* na fábrica. Complementando, o estudo em execução propõe entender como cada trabalhador interpreta a empresa, seu funcionamento e, fundamentalmente, o significado do seu trabalho no contexto da indústria.

**ORIENTANDOS DA LINHA TRABALHO E MOVIMENTOS
SOCIAIS VINCULADA AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
STRICTO SENSU/MESTRADO EM HISTÓRIA E PESQUISAS
EM DESENVOLVIMENTO**

JESUS, Rodrigo Paulo de. A luta dos moradores da Vila C/Foz do Iguaçu pelo direito à moradia.

LIMA, Cíntia Fiorotti. Reflexões sobre os encaminhamentos e as possibilidades de desenvolvimento da pesquisa: as mudanças no mundo do trabalho a partir dos trabalhadores inseridos na venda de produtos por catálogo.

LIMA, Maria Emília Meira. A influência dos diferentes modos de vida na formação de um movimento social: o caso da CRABI/PR.

SILVA, Marlene Rodrigues da. Diálogo com as experiências dos trabalhadores temporários do Banco do Brasil e da Caixa Econômica Federal acerca das transformações no mundo do trabalho.

TEBALDI, Enegety. Relações e experiências de trabalho dos operários da fábrica Faville de Marechal Cândido Rondon.

BIBLIOGRAFIA

BOSI, Antonio de Pádua et al. *Trabalho e movimentos sociais*. In: *Tempos Históricos*. Marechal Cândido Rondon/Pr: Gráfica Líder, 2006. v. 8. p. 310-318.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

DIAS, Edmundo Fernandes. *Política brasileira: embate de projetos hegemônicos*. São Paulo: Instituto José Luis e Rosa Sundermann, 2006.

FENELON, Déa Ribeiro et al. *Introdução - Muitas memórias, outras histórias*. In: FENELON, Déa Ribeiro et al. (orgs.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Editora Olho d'Água. Capes/Procad, 2004. p. 5-13.

PORTELLI, Alessandro. *"O momento da minha vida": funções do tempo na história oral*. In: FENELON, Déa Ribeiro et al. (orgs.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Editora Olho d'Água. Capes/Procad, 2004. p. 296-313.

_____. *Tentando aprender um pouquinho; algumas reflexões sobre a ética na história oral*. In: *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História*. São Paulo: PUCSP, 1997. n. 15. p. 13-50.

THOMPSON, Edward P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VARUSSA, Rinaldo José. *Trabalhadores e memórias: disputas, conquistas e perdas na cidade*. In: FENELON, Déa Ribeiro et al. (orgs.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Editora Olho d'Água. Capes/Procad, 2004. p. 208-224.